FSP: vocação centenária em saúde pública

Paulo Capel Narvai Eliseu Alves Waldman

À beira de um pequeno lago, em cujas águas nadam carpas coloridas no jardim defronte à fachada do prédio principal da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, no número 715 da movimentada avenida Doutor Arnaldo, no bairro de Cerqueira Cesar, em São Paulo, um busto de bronze sobre um pedestal de quase três metros chama a atenção dos transeuntes. O homenageado é identificado em relevo descolorido, em que o conjunto de letras requer muita atenção para se saber de quem se trata. Desconhecido das novas gerações o rosto, cuja herma foi inaugurada em 18 de fevereiro de 1963¹, é motivo frequente de perguntas, em salas e corredores da FSP: "É o Dr. Arnaldo?"... "É o Emílio Ribas?"... "É o Vital Brazil?"...

Antes de conhecer a resposta, é preciso retornar às primeiras décadas do século XX, quando as propostas de "educação sanitária" e de "polícia sanitária" opunham-se em terras paulistas, numa disputa de corações e mentes de autoridades públicas e, de certo modo, da população. Estava em curso, então, uma contenda paradigmática. Naquele contexto histórico ainda não estavam disseminados no Brasil, nem mesmo entre os mais bem informados das elites, os avanços na biologia resultantes das descobertas de Louis Pasteur, Robert Koch e Ferdinand Cohn que levariam à consolidação da microbiologia como campo de conhecimento.

Prevalecia no país e no mundo, para a explicação das doenças e epidemias, o paradigma miasmático, referência para a imprensa e os formadores de opinião daquela época. Na biologia predominava a eugenia que, em escala planetária, influenciava gerações e gerações. O trabalho revolucionário de Gregor Mendel no âmbito da genética era praticamente desconhecido.

As concepções que se vinculavam às ideias de *hygiene* com base na *educação sanitária*, na *prophylaxia* e na *formação da consciência sanitária do povo* representavam, naquele momento, o que havia de mais avançado no pensamento que buscava se assentar nos conhecimentos científicos para enfrentar os problemas de saúde da população. Compunham, por assim dizer, o polo da "educação sanitária" que disputava influência com o polo da "polícia sanitária", representado pelo conservador Serviço Sanitário do Estado de São Paulo, cujas práticas ainda se orientavam, em boa parte, pela teoria do miasma.

Mascarenhas² retrata esse contexto de modo sumário:

A Monarquia legou ao regime republicano um serviço de saúde pública arcaico, muito centralizado (...) A jovem República viu multiplicarem-se

imediatamente certos problemas de saúde pública, ligados à incidência de doenças infecto-contagiosas, endemo-epidêmicas: a varíola (...) a febre amarela (...) a peste bubônica e o cólera, doenças exóticas, aqui chegaram, com tendência a se fixarem (...). Os serviços federais e estaduais de saúde pública foram reorganizados (...) a varíola foi controlada; a febre amarela epidêmica desapareceu praticamente no país, assim como o cólera que jamais voltou. A peste bubônica não mais surgiu em sua forma epidêmica e, cada vez que vem de outras plagas, encontrou para combatê-la aparelhamentos eficazes (...). As epidemias mais graves já estavam no passado. A morte fêz desaparecer, prematuramente, Oswaldo Cruz. A intriga, a rivalidade de pigmeus intelectuais puseram de lado Emílio Ribas (...) Os serviços de saúde pública (...) retrogradaram (...) a polícia sanitária impregnou todos os códigos da fiscalização rotineira de casas (...) A luta contra essa prática rotineira foi a primeira luta de Geraldo Horácio de Paula Souza (p. 51 e 52).

Nos Estados Unidos, sob influência do *Relatório Flexner*³ – que propunha mudanças na formação de médicos e influenciava fortemente a Fundação Rockefeller nos recursos que ela se dispunha a aplicar em *escolas de higiene*, naquele e em outros países –, foi criada, em 1916, a primeira instituição de ensino e pesquisa do mundo com esse objetivo, a School of Hygiene and Public Health da Johns Hopkins, em Baltimore. No mesmo ano, a fundação enviou uma missão ao Brasil, atendendo ao convite de Arnaldo Vieira de Carvalho, então diretor da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo.



Cortiço no Brás, bairro paulistano: precaridade sanitária compunha o cotidiano de grande parte da população brasileira, nas cidades e no campo, do início do século XX

Foto: Centro de Memória/FSP

A preocupação com a implementação de medidas visando a enfrentar os graves problemas de saúde da população brasileira, em áreas urbanas e rurais, por meio do combate a doenças transmissíveis e da preparação de médicos e outros profissionais nas "técnicas de saúde pública", pode ser identificada a partir dos primeiros esforços para incluir o ensino de higiene entre as disciplinas oferecidas pela Faculdade de Medicina, criada apenas quatro anos antes, em 1912. De fato, os interesses econômicos, à época, exigiam estrito controle sanitário nos grandes centros de comércio, notadamente nas cidades portuárias. Tal demanda traduziu-se em crescente apoio político à saúde pública, nas primeiras décadas do século XX, a fim de dotar os organismos sanitários dos recursos necessários para o combate às epidemias e para a preparação de pessoal, dando impulso à fase pioneira da reforma sanitária no país.

Dois anos depois, em 9 de fevereiro de 1918, o governo do Estado de São Paulo e a Junta Internacional de Saúde da Fundação Rockefeller assinariam um convênio pelo qual, dentre outras ações, seria instalado um laboratório de higiene vinculado à Cadeira de Higiene da Faculdade de Medicina. Origem da FSP, esse laboratório foi a segunda instituição a receber auxílio financeiro da fundação, no mundo^{4,5}.

HYGIENE

1918, fevereiro, 9. — E' assignado um termo de accôrdo entre o Governo do Estado e a Junta Internacional de Saúde (International Health Board) para a organisação de um departamento de Hygiene annexo á Faculdade de Medicina. Por esse accordo, a vigorar por cinco annos, o Governo se compromette a fornecer um predio adaptado e a quantia de \$3.000 annualmente como auxilio das despesas do departamento. A "International Health Board" fornece o necessario para o equipamento do mesmo, estipulado em \$10.000, fundos necessarios para a manutenção, calculado por anno entre \$15.000 e \$20.000; e duas bolsas universatarias de Hygiene e Saúde Publica, para custear estudos de 2 brasileiros nos Estados Unidos. Compromette-se ainda a ceder um scientista americano para chefe do departamento que tem dois auxiliares brasileiros. Findo o praso de 5 annos o Governo deve fazer o possivel para manter o departamento. Esse accordo é renovado por mais dois annos.

Registro nos *Annaes da Faculdade de Medicina de São Paulo* é o mais antigo sobre a criação do Laboratório de Higiene. As mesmas informações e data aparecem na Lei 2.018, publicada em 1924

Foto: Marcelo Vigneron/Acervo Biblioteca/FSP

Como a Faculdade de Medicina era muito recente e não dispunha de profissionais especializados para implantar e consolidar um equipamento com tais características, a Fundação Rockefeller comprometeu-se a trazer um professor norte-americano para dirigi-lo até que dois docentes brasileiros concluíssem o doutorado em saúde pública

na Johns Hopkins. Com a missão de viabilizar o Laboratório de Higiene, Samuel Taylor Darling veio para São Paulo em 1918⁵.

Darling já era então um sanitarista experiente, tendo dirigido atividades de combate à febre amarela, ancilostomíase e malária durante a construção do Canal do Panamá, atuando ainda na Indonésia e na Malásia. Nessa condição, foi o primeiro diretor da Cadeira de Higiene, de 1918 a 1921, sucedido no cargo por Wilson George Smillie, que atuou entre 1921 e 1922.



Professor Darling, primeiro diretor da FSP, 1918-1921

Foto: Centro de Memória/FSP

No sentido Sul-Norte partiram para os Estados Unidos, também em 1918, os jovens Geraldo Horácio de Paula Souza, então com 29 anos, e Francisco Borges Vieira, com 25 anos. Ambos "[...] conheceram e se encantaram (...) [com] a filosofia de ensino da Saúde Pública [da Johns Hopkins] calcada na educação sanitária profilática, na pesquisa empírica e abordagem interdisciplinar" (p. 35)⁵.

De fato, em carta dirigida a Paula Souza, nesse mesmo ano, Wickliffe Rose, diretor geral da International Health Division da Fundação Rockefeller entre 1915 e 1923⁶, concordava que o Instituto de *Hygiene* deveria ser mais do que um departamento para ensino de estudantes de medicina. Ambos vislumbravam a necessidade do futuro instituto, que seria formalmente criado três anos depois, assumir um papel de liderança no desenvolvimento da saúde pública brasileira⁷.

Ao retornar ao Brasil, em 1921, Paula Souza assumiu o comando do Laboratório de Higiene, à época instalado ao lado da Faculdade de Medicina, em um casarão que pertencera ao Barão de Piracicaba, na rua Brigadeiro Tobias, nº 45, no centro de São Paulo⁸.



Foto: Centro de Memória/FSP

Adeus miasmas, bem-vindo o hygienismo

Atuando na formação de especialistas em higiene e em pesquisas científicas e técnicas, o Instituto de *Hygiene* de São Paulo foi oficializado como órgão público "[...] independente da FMCSP, da medicina e dos médicos" (p. 35)⁴ nos termos da Lei nº 2.018, publicada em 26 de dezembro de 1924⁹:

Artigo 1º - De 1.º de Janeiro de 1925 em diante, o Instituto de Hygiene, organizado, installado e mantido pelo governo de São Paulo e pela Junta Internacional de Saude, nos termos do contracto de 9 de Fevereiro de 1918, funccionará, independente de qualquer indemnização, como departamento administractivo exclusivamente do Estado, sob a denominação de «Instituto de Hygiene de São Paulo», e directamente subordinado ao secretário dos Negocios do Interior.

A partir da promulgação dessa lei, foi possível a formação de novos profissionais para ampliar e diversificar a composição da equipe de saúde, com vistas ao desempenho de funções sob um novo conceito de saúde pública, cujo modelo de atendimento à população se materializava na proposta do centro de saúde⁵.

Importante dizer que uma epidemia de febre tifoide assolava a capital paulista quando Paula Souza regressou ao país e assumiu a direção do Serviço Sanitário do Estado de São Paulo. Segundo Mascarenhas¹⁰, uma de suas primeiras ações, em 1922, foi a cloração da água de abastecimento público, que provinha dos rios Tietê e Tamanduateí. Conseguiu, com o emprego dessa técnica, até então inédita no Brasil, debelar a epidemia.

As relações da água com a saúde da população não eram, porém, tema recente na vida acadêmica de Paula Souza. Ao concluir o curso na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1913, o tema da sua tese foi *Contribuição ao estudo da autodepuração de nossos rios, especialmente do Tietê*¹¹. Antes de sua formação em medicina, ele havia se graduado na Faculdade de Farmácia de São Paulo, o que o levou a instalar seu próprio laboratório de análises clínicas. Com Roberto Hottinger, de quem foi assistente, realizara já na segunda década do século XX "[...] uma série de experimentos sobre a qualidade da água distribuída na cidade de São Paulo" (p. 35)¹².

Paula Souza dirigiria a Faculdade de Saúde Pública até morrer, em 1951, alternando seu comando com Borges Vieira. Foi a convicção na educação sanitária profilática, na pesquisa empírica e na abordagem interdisciplinar, e sob o amparo da Lei 2.018, que o levou a criar, em 1925, o curso de "visitadoras de saúde pública", mais tarde chamado de curso de educadores sanitários. Extinto apenas em 1962, visava a capacitação de professores primários e regentes de classes, para que se transformassem em "[...] multiplicadores da profilaxia [...]" junto aos alunos e estes junto aos seus pais, "[...] no intuito de concorrer para a formação da consciência sanitária do povo e cooperar com os serviços de saúde pública nas campanhas profiláticas" (p. 41)5.



Paula Souza na FSP, onde trabalhou até sua morte, em 1951

Fotos: Centro de Memória/FSP



Borges Vieira, de terno, e alguns dos professores assistentes do instituto com alunas do curso de educadoras sanitárias

Foto: Centro de Memória/FSP

Opondo-se a medidas verticais de combate às endemias e defendendo a sua centralização em unidades que denominava "centros de saúde", Paula Souza dirigiu o Serviço Sanitário até 1927. No comando administrativo desse órgão, incumbido pelo poder público paulista de cuidar da higiene pública – o que incluía prevenir, debelar e controlar epidemias –, o professor sofreu forte oposição política da elite cafeeira. Esta reivindicava medidas para resolver problemas específicos com base na racionalidade da "polícia sanitária". Essa posição conflitava com as ideias de Paula Souza sobre o modo de organizar a higiene pública, focada no desenvolvimento de ações de "profilaxia" e "educação sanitária". Ao deixar o serviço, ele foi para Genebra trabalhar na Seção de Higiene da Liga das Nações, onde permaneceu por cerca de dois anos.

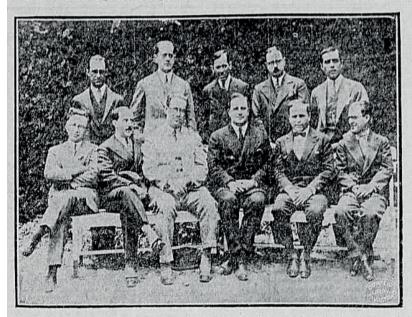
Paula Souza e Borges Vieira iniciaram, em outubro de 1928, o Curso de Especialização em Higiene e Saúde Pública para Médicos do Instituto de Higiene de São Paulo, que, é importante registrar, já era responsável pelo ensino dessa matéria aos graduandos de medicina desde 1924, por meio da Lei 2.0189. Nela fica claro que, além da responsabilidade pela continuidade do ensino de higiene para os estudantes de medicina, o instituto ofereceria também cursos de aperfeiçoamento técnico para médicos funcionários do Serviço Sanitário e demais profissionais daquela instituição, especialmente enfermeiras e visitadoras de saúde pública9.

O curso inaugurado em 1928, com um ano de duração, interdisciplinar, em período integral, tinha, portanto, o objetivo de preparar "[...] para o exercício da profissão sanitária, fornecendo ao Serviço Sanitário do Estado pessoal especializado para o desempenho dos cargos técnicos da administração [destinando-se, ainda que não exclusivamente] a médicos com diplomas registrados na Diretoria Geral do Serviço do Estado" (p. 82)¹³, e que integrassem o quadro de servidores desse serviço⁸. Em 22 de dezembro de 1929 o

jornal *Correio Paulistano* publicou uma nota em que identificava os formandos, acompanhada de uma fotografia em que aparecem os 14 médicos que haviam concluído o curso, ladeados por Paula Souza e Borges Vieira.

INSTITUTO DE HYGIENE

Curso de Especialização em Hygiene e Saude Publica



Grupo de medicos que concluiram o Curso de Especialização em Hygiene e Sau'de Publica. Ao centro, vê-se o prof. Paula Sousa, que tem á sua direita o dr. Borges Vieira, vice-director do mesmo Institu to, e os drs. E. Santi e Nogueira Martins; á esquerda, os drs. Rocha Botelho e Men des de Castro. Em pé: da esquerda para a direita, estão os drs. Alvaro Camera, Luiz Cintra, Amphilophio Mello, Vicenta de Lucca e Nunes Marçondes.

Reprodução: jornal Correio Paulistano: Hemeroteca Digital/Biblioteca Nacional

O da FSP foi criado nos moldes do Curso Especial de *Hygiene* e Saúde Pública, instituído em 1925, no Rio de Janeiro, então capital da República. Este foi o primeiro do tipo no Brasil e visava "[...] o aperfeiçoamento techino dos medicos que se destinem ao desempenho de funcções sanitárias"¹⁴.

A Revolução de 1930 e o edifício do Instituto de Hygiene

Em 1926, a Fundação Rockefeller destinou recursos para construir um novo prédio que seria transformado na sede do instituto^{4,8}. Em relatório de Chope⁴ consta que a fundação doou a maior parte dos recursos. No entanto, em razão de ser "[...] um prédio de finíssimo acabamento, o donativo da Fundação foi insuficiente, o que levou o governo do Estado de São Paulo a completar a quantia necessária" (p. 3)⁴, algo em torno de 20% do valor dado pela fundação.

O governo paulista também cedeu

[...] o extenso terreno situado na av. Dr. Arnaldo, esquina da Teodoro Sampaio, porque nessa vasta região seriam localizados os diversos blocos do centro médico de São Paulo, num conjunto destino à especialização médica e hospitalar – Faculdade de Medicina, Instituto "Adolfo Lutz", Hospital "Emilio Ribas" (isolamento), Instituto Médico-Legal "Oscar Freire", Instituto de Higiene e um Hospital das Clínicas ...[...] (p. 2)¹⁵.



Fotos: Centro de Memória/FSP de Memória

¹ O instituto só seria criado em 26 de outubro de 1940, com a fusão do Laboratório de Análises Químicas e Bromatológicas e o Instituto Bacteriológico. Instituto Adolfo Lutz: história. Disponível em: http://www.ial.sp.gov.br/ial/centros-tecnicos/centro-de-bacteriologia/historia. Acesso em: 21 mar. 2019.

A concepção do prédio tivera início em agosto de 1926, com decisões sobre o projeto arquitetônico, mas a construção propriamente dita se iniciou um ano depois, em 8 de agosto de 1927. O cronograma previa a mudança do instituto da rua Brigadeiro Tobias para a avenida Dr. Arnaldo em agosto de 1931. Mas com as obras ainda em curso, frequentemente interrompidas por cortes e reduções de verbas, o edifício foi invadido por tropas getulistas, aquarteladas na capital paulista sob o comando de Isidoro Dias Lopes, no contexto da denominada "Revolução de 1930", acontecimento que produziria marcas profundas na história do Brasil⁵.

Nesse conturbado cenário, os esforços para a construção do edifício que abrigaria o instituto foram ameaçados também por interesses militares. Paula Souza reagiu à decisão do governo paulista sob intervenção federal. Em janeiro de 1931, em carta ao secretário da Segurança Pública, que arbitrariamente autorizara a ocupação do prédio, com finalidade militar, disse:

Senhor Secretário.

Accusando o recebimento de ordem telephonica de V. Excia. afim de entregar ao 3.o batalhão de policia do Estado o prédio em construção, do Instituto de Hygiene, tomo a liberdade de fazer algumas ponderações.

Pelo que V. Excia. teve a oportunidade de me informar, a estadia, muito provisória do referido batalhão em nosso prédio, seria de duas a tres semanas apenas.

Soubemos, entretanto, agora, que pretende aquella unidade ali se instalar por espaço de 6 a 8 mezes, tendo já transportado todo material e mobiliário, archivos e biblioteca, parecendo portanto, não se tratar de uma breve estadia.

Lembro a V. Excia. que o prédio em questão constitue obra de collaboração internacional na qual se acha vivamente compromettido o Governo do Estado perante a Fundação Rockefeller. A paralização das obras do Instituto já causou desagradável impressão no seio daquella benemérita corporação, e o desvirtuamento, embora provisório dos fins a que se destina aquelle prédio, certamente é fadado a causar a mais dolorosa impressão (extraído de Candeias⁵, p. 34).

O governo recuou, as tropas deixaram o edifício e Paula Souza passou à ofensiva. Em 1º de abril de 1931 foi publicado o decreto 4.955¹6, que reorganizou o Instituto de *Hygiene* de São Paulo, vinculando-o à Secretaria da Educação e da Saúde Pública. Dois dias depois, em entrevista ao jornal *Correio da Tarde*, edição de 3 de abril de 1931⁵, Paula Souza pediu publicamente mais recursos ao governo paulista para conclusão das obras do edifício da av. Dr. Arnaldo:

Um esforço a mais por parte do governo viria completar essa obra. Como sabemos, está em construcção ao lado da Faculdade de Medicina, à Av. Dr. Arnaldo, o novo prédio do Instituto de Hygiene, que recebeu da Fundação Rockefeller uma dotação para a sua edificação mediante compromisso formal do Governo do Estado em doar o sufficiente para que ele seja terminado.

De todas as escolas de hygiene creadas pela Fundação Rockefeller, é a nossa a de menor vulto. Recebeu, como as demais, donativos na mesma occasião, isto é, em 1925. Todas já se acham edificadas e funccionando há longo tempo. Só a nossa permanece ainda em obras.

(...) Todos os demais paizes entraram com sommas quasi que idênticas às recebidas. São Paulo, que recebeu 188.000 dollares, teria ainda que fazer um pequeno esforço. Que o faça e gaste 60.000 dollares mais.

Estou certo que essa importância virá, para não ficarmos mal collocados perante os demais paizes que receberam, como São Paulo, doações da Fundação Rockefeller (extraído de Candeias⁵, p. 35).

Essa reorganização fixou a finalidade do órgão público, definindo-o como uma escola de formação de sanitaristas (engenheiros, médicos e outros profissionais), tendo por fim:

- 1) O ensino de Hygiene e Saude Publica por meio de cursos regulares e outros de emergencia, servindo ao aperfeiçoamento e habilitação technica para funcções sanitarias;
- Manter laboratorios para o estudo e pesquiza de questões scientificas, relativas á hygiene;
- Organizar centros de aprendizado, museus e outras installações necessarias ao estudo e ensino da hygiene;
- 4) Organizar a carta sanitaria do Estado;
- 5) Fazer estudos de epidemiologia e prophylaxia no interesse do ensino de da hygiene podendo, para tal fim, realizar excursões no interior do paiz;
- 6) Relacinoar-se como os centros scientificos congeneres do paiz e do extrangeiro;
- 7) Emittir parecer sobres assumptos de hygiene e organizar commissões especiaes para o seu estudo sempre que o Governo requisitar;
- 8) Acceitar donativos, doações e legados mediante autorização previa do governo (p. $1)^{16}$.

Segundo esse decreto, as matérias básicas do curso seriam as seguintes: Bacteriologia e imunologia aplicadas; Química sanitária; Zoologia aplicada à higiene; Bioestatística; Epidemiologia; Engenharia sanitária; Fisiologia aplicada à higiene, Higiene industrial e profissional; Nutrição, dietética e bromatologia; Patologia das doenças evitáveis; e Administração sanitária, legislação sanitária nacional e comparada. Foram objeto de ensino especial: "Hygiene pre-natal; Hygiene infantil; Hygiene pre-escolar; Hygiene escolar; Hygiene mental; Hygiene rural; Hygiene pessoal; Heriditariedade, eugenia e problemas sociaes que interessam à hygiene" (p. 1 e 2)¹⁶.

No período histórico da "revolução constitucionalista", em 1932, e mais especificamente nos três meses que durou o conflito bélico, as instituições acadêmicas paulistas foram chamadas a participar com as "forças federais". Uma delas foi a Escola Politécnica,

idealizada pelo pai de Paula Souza, o engenheiro Antonio Francisco de Paula Souza, e criada em 1893 no governo de Bernardino de Campos¹⁷.

Geraldo de Paula Souza também participou dos esforços de guerra pelo lado paulista. Conforme relata Jorge Americano¹⁸, professor catedrático da Faculdade de Direito da USP e reitor da USP entre 1941-46.

[...] fui aproveitado, nos contatos que mantive com a Escola Politécnica, para administrar um curso de preparação de oficiais de emergência, encarregando-me de buscar nas frentes de combate os voluntários mais aptos, para fazer-lhes ministrar os conhecimentos que os transformassem em comandantes de companhia. Cada turma de mocos assim escolhidos submetia-se a uma instrução intensiva, de topografia, manejo de armas, rudimentos de comando e estado-maior, higiene e socorro de urgência (...). Estreitei aí mais os meus laços com Geraldo, a quem já me ligava a amizade e o parentesco por afinidade. Pude observar com que carinho, devotamento, interesse humano e emotividade ele ministrava aos moços as suas claras e convincentes lições de higiene, adaptadas às condições da trincheira. Indicava os recursos aproveitáveis a cada situação, recomendava o uso do cantil esterilizado, com sais de prata para a água potável e fornecia-o a cada um dos moços, ensinava-lhes as regras de asseio compatíveis com os recursos, não se esquecia de abordar o risco e as providências contra o veneno ofídico e a disenteria, e assistia atento às aulas de socorros de urgência dadas pela enfermeira chefe para os casos de ferimentos e transporte dos feridos (p. 14).



Paula Souza, de avental, e o major Jorge Americano, mais tarde reitor da USP, na frente do prédio principal, em esforço que uniu constitucionalistas em torno da Revolução de 1932

Foto: Centro de Memória/FSP



Borges Vieira, à frente, com a mão direita sob o avental, assistentes e alunas do curso de socorrista. 1932

Foto: Centro de Memória/FSP

A transformação do Instituto de Hygiene em unidade universitária

Em 1934, por força do Decreto nº 39, de 3 de setembro¹⁹, que aprovou a criação da USP, passou a ser instituto universitário complementar juntamente com outros importantes órgãos estaduais, entre os quais Instituto Biológico, o Instituto Butantã, o Instituto de Pesquisas Tecnológicas; o Museu de História Natural, Arqueologia, História e Etnografia (Museu Paulista) e o Serviço Florestal. Mas somente o Instituto de Higiene se tornaria unidade acadêmica autônoma da universidade.

Contudo, apenas em 1938 ele foi integrado à USP, pelo decreto nº 9.279, de 30 de junho²º. Chama atenção no texto legal, em seu Artigo 1º, a volta da subordinação do instituto à Cátedra de Higiene da Faculdade Medicina, cujo vínculo, como já mencionado, havia sido desfeito pela Lei 2.018, de 1924º. Finalmente, em 1945, pelo decreto-lei 14.857, de 10 de julho²¹, a autonomia do instituto foi reconhecida com sua transformação em Faculdade de Higiene e Saúde Pública da USP. A partir dessa reestruturação, então, passou a ser a primeira escola de saúde pública da América Latina a pertencer a uma universidade²².

Cabe aqui esclarecer que, embora tenha sido reorganizada e recebido a caracterização de "escola de higiene e saúde pública", nunca teve essa denominação formalmente. Essa caracterização genérica buscava equiparar, para fins de intercâmbio científico e relações

interinstitucionais, o Instituto de *Hygiene* de São Paulo com suas congêneres nas Américas, de modo geral vinculadas a ministérios e secretarias de Saúde.

É o sentido do texto do Decreto de 1931, que em seu Artigo 2º afirma que: "O Instituto de Higyene de S. Paulo, que é a *Escola de Hygiene* [sic] e Saude Publica do Estado [...]"¹⁶. O sentido do texto normativo é indicativo de que o instituto funcionaria *como uma* escola. O decreto-lei 14.857, de 1945, corrobora essa interpretação de que a instituição não recebeu oficialmente o nome de escola: "Dispõe sobre transformação do Instituto de Higiene de São Paulo em Faculdade de Higiene e Saúde Pública" (p. 1)²¹.

Paula Souza confirmaria esse significado da expressão escola de saúde pública, em 1947, na apresentação do periódico *Arquivos da Faculdade de Higiene e Saúde Pública da Universidade de São Paulo*, ao afirmar que uma vez estabelecido o Laboratório de Higiene

[...] como o primeiro departamento em regime de tempo integral em nossa terra, visava, dede o início, além de ministrar curso para estudantes de medicina em moldes modernos, ainda o preparo dos que destinavam especialmente ao serviço da saúde pública. Foi, assim, desde o início, uma escola de Higiene que visava o engrandecimento do meio, para depois crescer e se tornar uma instituição individualizada como é a de hoje podemos nos orgulhar (...) Esse Instituto de Higiene em embrião, desenvolveu-se a tal ponto que em 1925 adquiriu os foros de Escola de Higiene e Saúde Pública do Estado e, já terminado o período de contrato entre o Govêrno do Estado e a Fundação Rockefeller, resolveu esta doar notável auxílio para a edificação da sua sede própria (...) Desde bem cedo se compreendeu no Brasil que a higiene possui uma individualidade própria e distinta da medicina clínica (p. 1 e 2)²³.

No escopo da reforma universitária, aprovada em 1969 para todo o Brasil, passou a ser denominada Faculdade de Saúde Pública. Destaque-se que dos 17 professores eméritos da USP, 4 foram docentes da FSP: Lucas Assumpção, Paulo Cesar de Azevedo Antunes, José Maria Gomes e Ruy Laurenti.

Ensino e pesquisa na USP para o Brasil e o mundo

Embora criado em 1928 e apenas em 1941 reconhecido pelo governo federal, o Curso de Especialização em Saúde Pública passou a acompanhar o padrão nacional e, desde a criação da USP, atender às normas da universidade para cursos dessa natureza. E seguiria especializando em higiene e saúde pública, agora não apenas médicos, mas também engenheiros (a partir de 1949), médicos veterinários (1954), cirurgiões-dentistas (1958), enfermeiros (1959) e demais profissionais (a partir dos anos 1960)⁵.

O curso marcou, durante um extenso período, a presença institucional da FSP no cenário da saúde pública paulista e brasileira. Ao longo do século XX, ele também formou

alguns milhares de especialistas, provenientes de todas as regiões do Brasil e de outros países, com expressivo número de latino-americanos e africanos.

Vale destacar a importante participação de docentes e alunos do curso na elaboração das políticas de saúde. Muitos deles, tendo ocupado cargos de destaque na gestão dos sistemas de saúde municipais, estaduais e nacional. Dentre seus egressos estão também centenas de técnicos, profissionais altamente especializados, com atuação em vários níveis e áreas do sistema de saúde.

A partir da criação da pós-graduação *stricto senso*, na década de 1970, o curso foi cedendo crescente espaço para o Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública, que logo ganhou importância estratégica para a instituição. Em 1982, esses cursos de especialização para diferentes profissionais foram unificados. Manteve, contudo, a interdisciplinaridade e multiprofissionalidade, com duração de um ano, atualização pedagógica, disciplinas gerais comuns e específicas organizadas em áreas temáticas/especialidades, agrupamento dos alunos para realização de trabalhos de campo multiprofissionais. Seu principal objetivo: "[...] formar sanitaristas capacitados para a gestão tanto de sistemas de saúde de qualquer complexidade, quanto das diferentes unidades ou áreas técnicas que os constituem" (p. 14)²⁴.

Atendendo aos desafios contemporâneos, o curso foi remodelado para ser ministrado na modalidade semipresidencial, via ensino a distância. A primeira turma no novo formato iniciou suas atividades em 4 de maio de 2015 (ver capítulo Cultura e Extensão).

Acerca da especialização em saúde pública, ainda, é imperioso registrar que ela é também o marco do ensino de graduação em nutrição na FSP, criado em 1939, e, mais recentemente, da graduação em saúde pública, em 2012. Este, sob influência de experiências internacionais e também de outros Estados brasileiros e liderança do professor Chester Luiz Galvão Cesar, à época seu diretor, é a única graduação em saúde pública no estado de São Paulo.

Importante dizer que, desde sua criação até o final da década de 1980, a faculdade, principalmente em razão do curso de especialização, desempenhou papel fundamental na formação de quadros técnicos e lideranças políticas no campo da saúde pública. Nesse âmbito, destacam-se os professores Walter Sidney Pereira Leser, secretário de Estado da Saúde de São Paulo por duas gestões (1967-1970 e 1975-1979) e João Yunes, docente e diretor da FSP (2001-2002), que ocupou diferentes funções nos níveis federal e estadual, entre as quais duas secretarias do Ministério da Saúde – de Programas Especiais de Saúde (1976-1978) e de Políticas de Saúde (1998-2000) –, a Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo (1983-1987) e a diretoria da Divisão de Promoção de Saúde da Opas em Washington (1989-1997); e Paulo de Almeida Machado, ex-aluno da faculdade e ministro da Saúde entre 1974 e 1979.

No campo da pesquisa, no início dos anos 1970 o professor Ruy Laurenti coordenou o braço brasileiro do estudo "Características da mortalidade na infância", promovido pela Opas. A investigação, subsidiou as políticas públicas de saneamento e de imunização.

Nesse campo destacam-se também os estudos do professor Edmur Flávio Pastorello em oncologia e na abordagem do câncer como problema de saúde pública. Pastorello dirigiu, nos anos 1980, o setor de doenças crônicas do Ministério da Saúde.

No campo da nutrição evidenciam-se os estudos conduzidos pelo professor Carlos Augusto Monteiro, recentemente listado entre os 12 cientistas brasileiros mais influentes do mundo em suas respectivas áreas. Essa indicação compõe a lista produzida anualmente pela consultoria Clarivate Analytics, que considera o número de citações por artigos publicados. Esses selecionados pertencem ao grupo de 1% de pesquisadores que mantiveram as mais altas médias de citações durante um período de dez anos.

Nos primeiros 60 anos da história da FSP assistimos a amplas transformações que embasaram os avanços no campo da saúde, especialmente a partir da década de 1990, com a implantação do Sistema Único de Saúde. Assim, o país acompanhou o fortalecimento e a ampliação dos sistemas de informação em saúde, de vigilância epidemiológica e de um robusto subsistema de pesquisa do SUS, formado por instituições do porte da Fundação Oswaldo Cruz e institutos Evandro Chagas, Adolfo Lutz e Butantã, entre os mais conhecidos.

Em decorrência das mudanças na saúde pública brasileira, e pela necessidade de um novo perfil de profissionais para a área, a partir de meados dos anos 1980 os cursos tradicionais de especialização em saúde pública deixaram progressivamente de contar com o apoio governamental. Consequentemente, a sua expressão como instrumento de formação de recursos humanos diminuiu. Assim, com a consolidação da pós-graduação stricto senso, a partir da década de 1990 mudou o perfil dos estudantes da faculdade, agora mais voltados à vida acadêmico-científica.

Reunindo e disseminando conhecimento científico

Em 2001, com o professor Yunes na direção, a FSP realizou, de forma inédita, um seminário, com todo seu corpo docente, para atualizar sua missão institucional. Revisitada em 2018, essa missão responde, hoje, às complexas demandas da sociedade contemporânea. Nessa perspectiva segue centrada na produção e disseminação de conhecimentos e formação de pessoas em saúde pública, nutrição em saúde pública e em ambiente e sustentabilidade, por meio de pesquisa, ensino, cultura e extensão, contribuindo para o avanço do conhecimento científico, melhoria das condições de saúde da população e formulação de políticas públicas. Tal missão deve ser norteada pela ética, pela solidariedade, pelo compromisso social e pela democracia, promovendo a excelência sob uma visão transformadora, sustentável, interdisciplinar e de respeito aos direitos humanos.

Desde a sua criação, produzir e disseminar conhecimento está permanentemente no centro das suas atividades acadêmicas. Foi essa concepção que levou a faculdade a se transformar, por meio de sua Biblioteca, atualmente caracterizada como um Centro de Informação e Referência em Saúde Pública, em unidade de referência internacional,

pelo valioso acervo científico e pela tecnologia de ponta em bibliotecas virtuais que disponibiliza.

Essa vocação é contemporânea da fundação da FSP. Em 1919 já editava a série de *Boletins*, por meio dos quais a instituição tornava pública a sua produção. Esse foi o embrião dos *Arquivos da Faculdade de Higiene e Saúde Pública*, publicação antecessora da *Revista de Saúde Pública*, considerada atualmente uma das melhores da área no Brasil

Por suas características acadêmicas e em decorrência de a saúde pública ser um campo de conhecimentos e práticas marcado pelo multiprofissionalismo e pelo necessário aporte de saberes de distintas disciplinas e áreas, o ensino, a pesquisa e a extensão sempre acompanharam a trajetória institucional da faculdade.

Nas primeiras décadas do século XXI o higienismo, que desbancara o paradigma miasmático ao longo do século XX, tocando e sensibilizando corações e mentes por ele motivados à ação, encontra-se em fase de superação pelo paradigma da determinação social do processo saúde-doença. Para essa perspectiva, não se trata mais de pensar e referenciar as ações de saúde pública em preceitos de higiene, e muito menos de higiene social. Ele reconhece a complexidade na qual está imersa a saúde das populações e localiza as intervenções de saúde pública em contextos coletivos em que opera a promoção da saúde no escopo dos direitos humanos. Suas diretrizes devem estar presentes em todas as políticas públicas, tornando-as produtoras de saúde, e não de doenças, ao serem implementadas.

A vocação para a saúde pública é, sem exagero, um dos muitos legados do professor Paula Souza, um visionário que colaborou para a criação da Organização Mundial da Saúde. Ele, chefiando a delegação brasileira, e Szeming Sze, a delegação chinesa, propuseram, durante a Conferência das Nações Unidas sobre Organização Internacional, realizada em San Francisco (EUA), entre 25 de abril e 26 de junho de 1945, a criação de um órgão global com a missão de promover a saúde dos povos. Esse foi o embrião da Organização Mundial da Saúde.

Um século depois de criada a FSP, os olhos do busto de Paula Souza no jardim defronte à fachada do seu prédio principal, voltados para o nascer do sol, parecem contemplar essa vocação da instituição que ele criou. Aqueles olhos parecem, também, projetar o futuro do seu "Laboratório" e da saúde pública, no Brasil e no mundo.



Paula Souza e Szeming Sze, na Conferência Internacional de San Francisco, em 1945, idealizadores da OMS

Foto: Centro de Memória/FSP

REFERÊNCIAS

- Guimarães-Filho A. Discurso inaugural pelo Professor Álvaro Guimarães Filho. Arq Fac Hig. 1963:17(1):7-11.
- 2. Mascarenhas RS. Paula Souza o sanitarista social. Arq Fac Hig. 1963;17(1):51-8.
- Flexner A. Medical education in the United States and Canada. New York: Carnegie Foundation for The Advancement of Teaching; 1910. (Bulletin, 4).
- 4. Chope HD. Princípios fundamentais de orientação da Fundação Rockefeller em relação a escolas de saúde pública Segundo a interpretação de Dr. H. D. Chope, representante local da Fundação em São Paulo. [Documento histórico, com data provável de 1958, datilografado, disponível no Centro de Memória da FSP/USP].
- Candeias NMF. Memória histórica da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo: 1918-1945. Rev Saúde Pública. 1984;18:2-60.
- Rockefeller Foundation a digital history. Biographical/Wickliffe Rose. [access 18 feb 2019].
 Avaible from https://rockfound.rockarch.org/biographical/-/asset_publisher/6ygcKECNI1nb/content/wickliffe-rose.
- Faria LR. O Instituto de Higiene: contribuição à história da ciência e da administração em saúde em São Paulo. Physis.1999;9(1):175-208.
- Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo. A casa de Higeia: o percurso da Faculdade de Saúde Pública de São Paulo 1918-2010. São Paulo: Ex Libris; 2010.
- 9. São Paulo (Estado). Lei 2.018, de 26 de dezembro de 1924; dispõe sobre a oficialização do Instituto de Higiene de São Paulo. Diário Oficial do Estado de São Paulo, 28 dez 1924, p. 8092
- Mascarenhas RS. História da Saúde Pública no Estado de São Paulo. Rev Saúde Pública. São Paulo. 1973.
- 11. Souza GHP. Contribuição ao estudo da autodepuração de nossos rios, especialmente do Tietê. Rio de Janeiro, 1913. (Tese inaugural) Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.
- 12. Campos C. A cidade através da higiene, 1925-1945. As propostas de Geraldo Horácio de Paula Souza para São Paulo. São Paulo, 2001. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo.
- Correia LC. Instituto de Higiene (1918-1929) no estado de São Paulo a atuação de Geraldo Horácio de Paula Souza e Mário da Costa Galvão. Cad Hist Ci. 2011;7(1):71-85.
- 14. Brasil. Decreto 16.782-A, de 13 de janeiro de 1925; estabelece concurso da União para a difusão do ensino primário, organiza o Departamento Nacional do Ensino, reforma o ensino secundário e o superior e dá outras providencias. Rio de Janeiro: 13 jan. 1925. Diário Oficial da União, 14 jan 1925. [acesso em 20 mar 2019]. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1910-1929/D16782a.htm.
- 15. Santos PS. Cinquentenário da Faculdade de Saúde Pública da USP. Rev Saúde Pública.1975; 9(2): 95-7.
- 16. São Paulo (Estado). Decreto nº 4.955, de 1º de abril 1931; reorganiza o Instituto de Hygiene de S. Paulo. São Paulo: Palácio do Governo do Estado de São Paulo, 1 abr. 1931. [acesso em 4 out 2017]. Disponível em http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/1931/decreto-4955-01.04.1931.html.

- 17. Campos C. Ferrovias e saneamento em São Paulo: o engenheiro Antonio Francisco de Paula Souza e a construção de rede de infra-estrutura territorial e urbana paulista, 1870-1893. (Tese de Doutorado). São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo; 2007.
- Americano J. Aula inaugural dos cursos de 1963, da Faculdade de Higiene e Saúde Pública da USP. Arq Fac Hig. 1963;17(1):7-11.
- 19. São Paulo (Estado). Decreto 39, de 3 de setembro 1934; aprova os estatutos da Universidade de São Paulo. Diário Oficial da União, 3 set. 1934. [acesso em 20 mar 2019]. Disponível em http://www.leginf.usp.br/?historica=decreto-no-39-de-3-de-setembro-de-1934.
- 20. São Paulo (Estado). Decreto 9.279, de 30 de junho 1938; reoorganiza o Instituto de Higiene de São Paulo. São Paulo: Palácio do Governo do Estado de São Paulo, 30 jun 1938. [acesso em 20 mar 2019]. Disponível em: https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/1938/decreto-9279-30.06.1938.html.
- 21. São Paulo (Estado). Decreto-lei nº 14.857, de 10 de julho de 1945. Dispõe sobre transformação do Instituto de Higiene de São Paulo em Faculdade de Higiene e Saúde Pública. Diário Oficial do Estado de São Paulo. 11 jul 1945; Executivo 1:1.
- 22. Kisil M. Educação em administração de saúde na América Latina: a busca de um paradigma. Tese (Livre Docência) – Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo; 1989. [acesso em 18 mar 2019]. Disponível em: https://bdpi.usp.br/item/000730448.
- Souza GHP. Apresentação. Arquivos da Faculdade de Higiene e Saúde Pública da Universidade de São Paulo. 1947;1(1):1-2.
- 24. Vasconcellos MPC, Narvai PC. Especialização em saúde pública: os alunos da Universidade de São Paulo no período 1985-1994. Ciênc Saúde Coletiva.1997;2(1/2):154-63.